

16-03-52



# A Poltrona Sobre o Abismo

Sérgio Buarque de Holanda

O notável sucesso de livraria alcançado aparentemente pelo último livro do sr. Gustavo Corção — *Lições de Abismo* (Livraria Agir Editora. Rio de Janeiro, 1951) — seria quase surpreendente sem o público numeroso e fiel que acompanha o autor a partir dos seus primeiros triunfos no ensaio ou no jornalismo. E com efeito ele é dificilmente separável, creio eu, da presença estimulante desse público.

Haverá quem veja nesta sua nova tentativa de enveredar pelos caminhos da novelística — tentativa nascida, segundo parece, de uma sugestão de Alceu Amoroso Lima — o fruto de algum mal entendido. Uma opinião corrente, e autorizada por exemplos ilustres, quer que a acuidade crítica, um dos traços constantes e dominantes na obra do sr. Corção, raras vezes se desenvolva sem uma atrofia equivalente das virtudes que não de caracterizar a alma do verdadeiro romancista. A severa vigilância que a inteligência discriminadora tende naturalmente a exercer sobre tôdas as coisas, inclusive sobre si mesma, torna-se quase sempre mortal para a parte da espontaneidade e a do acaso que entram por força na grande maioria das criações novelísticas. E não é um pouco o espetáculo de semelhante contradição que se oferece, da primeira à última, nestas páginas do livro do sr. Gustavo Corção? Não constituiria todo ele, em suma, o produto de um trabalho esteril para explorar nas mais várias direções, com instrumentos próprios da inteligência crí-

tica, um domínio que escapa naturalmente à esfera intelectual?

E' preciso, contudo, refletir nisto, que a pretensão de medir uma obra como *Lições de Abismo* com o recurso à craveira habitual para os livros de ficção pode provir, aqui sim, de um mal-entendido ou de alguma ilusão de ótica. E se é bem provável que ela não tenda a ganhar a irrestrita aprovação dos mesmos leitores que aplaudem a obra de um José Lins do Rego, por exemplo, ou a de um Érico Veríssimo, ou até a de um Otávio de Faria, tudo faz supor que não decepcionará fortemente o público do próprio autor, já familiarizado com seus escritos precedentes.

NEM se diga que o gênero aqui representado, constituindo talvez uma novidade entre nós, corresponda a qualquer coisa de verdadeiramente insólito na literatura universal. Não custa mesmo admitir que ele se insere, à sua maneira, em uma tradição já venerável, a do "conto filosófico".

Pouco importa se essa tradição, expressa, no caso, por um autor declaradamente católico, pareça deitar raízes fundas no solo do racionalismo e no deísmo e se entre seus pioneiros mais ilustres figure ninguém menos do que Voltaire, o Voltaire de *Zadig* e o de *Candido*. Essa circunstância, aliás, nada encerra de verdadeiramente extraordinário. O sr. Corção pertence justamente à raça, cada vez mais numerosa, de escritores católicos que não receiam os perigos de uma adesão, superficial, é claro, e fictícia, aos costumes próprios da razão profana e até

da incredulidade, uma vez que possam servir para o enaltecimento da fé.

Apenas em sua perigosa viagem sobre as bordas da ortodoxia não é para a vertente arejada e pública da razão profana, ou do senso comum, que ele se volve, mas para os escuros abismos da subjetividade, da irracionalidade, da indeterminação. E a ameaça para a ortodoxia, se está presente aqui, proviria exatamente dessa devoção extremada aos individualismos pletóricos, aos subjetivismos sem freio, que não de encaminhar à negação paulatina, mas fatal, dos valores universalistas, "católicos" em suma, de uma religião que descansa largamente sobre o consenso dos homens e sobre a prece coletiva. E à qual pouco interessa, aparentemente, saber se esse consenso e esta prece resultam de uma luta íntima ou de uma aquiescência suave e sem dramaticidade — aquiescência dos "pobres de espírito" — às verdades perenes.

Se o labirinto em que se vê metido o personagem do sr. Corção não leva diretamente à fé tranquila e eclesiástica pode le-



Continua no verso.

vá-lo à inquirição angustiada dos problemas da fé. Colocado, pela revelação do mal sem remédio que já lhe mina o organismo, ante a certeza da morte iminente e inevitável, ele passa a rever sua vida passada e sua condição no mundo, com uma visão nova. Pode-se pensar que desterrado em si mesmo, convertido em exceção à regra, ele passa a encarar essa circunstância com uma espécie de complacência orgulhosa. O diário onde se relata em minúcias essa experiência é todo ele um tremendo requisito contra a "regra" e uma defesa irrestrita da "exceção". E sua tragédia pessoal vê-se assim projetada num plano mais vasto, transformando-se naquela visão peculiar da vida e dos destinos humanos.

PARA tal visão escolheu o autor um rótulo que o prestígio da moda pôde popularizar ultimamente. Seu próprio romance é apresentado como "existencialista" — "do único existencialismo autêntico", acrescenta a notícia impressa à orelha do volume, que o sr. Corção talvez não desaprove. Seria cabível, sem dúvida, alguma discussão, neste caso, em torno

(Conclui na 6.ª página)

## A poltrona sobre o . . .

(Conclusão)

da propriedade da fórmula mágica. Para quem medite atentamente nas especulações do personagem verá plenamente que, detendo-se em sua tragédia pessoal, ele não supera em realidade antes do último ou penúltimo minuto a simples "fase estética", onde, na definição de Kierkegaard, o indivíduo busca em tudo, inclusive na própria dor, uma satisfação quase hedonista. O desespero — mas existe aqui algum traço de desespero? — servirá menos para emancipá-lo desse hedonismo do que para confirmá-lo na fruição do excepcional, do "poético", do irracional, do indeterminado, do "brilho da boa aventura" que são precisamente alguns dos distintivos do momento "estético".

De qualquer modo o herói ve-se de chofre em condição favorável a um minucioso exame de consciência. E se essa "situação-limite" (digamos assim para recorrer à nova gíria filosófica) não chega a atribuir à sua experiência um timbre verdadeiramente existencial, fornece-lhe contudo um prisma singular para a revisão da vida própria e da alheia. "Pois convém lembrar" escreve em seu diário, "que eu, como moribundo, estou numa situação privilegiada para julgar a vida".

É aqueles que se ocupam especialmente das questões mais puramente formais na literatura não escapará, com certeza, este fato significativo: a presença palpante de uma fatalidade inadiável, irremediável — tema e objeto da narrativa — irá afetar de modo decisivo sua estrutura novelística. O tempo ficou paralisado ante o espectro da morte: o resultado é uma sucessão de momentos descontínuos, onde o personagem insere seus julgamentos sobre a vida. E se aconteceu no exemplar que me foi pessoalmente destinado, que os impressores se esqueceram de costurar todo um caderno — entre as páginas 193 e 208 — o fato só me pareceu deplorável porque me privou de algumas dessas páginas verdadeiramente lapidares com que nos delicia tantas vezes o sr. Corção. Não porque me pareça ter perturbado uma noção de conjunto da obra.

E se estes quadros soltos, que se acumulam até ao desenlace, parecem enquadrar-se mal nas nossas idéias convencionais sobre a novela, não penso que seja este o real defeito da obra do sr. Corção. Seu defeito, este de fato importante, está em que a tragédia central do romance nunca se torna perfeitamente convincente. A verdade que procura encarnar ou exprimir o personagem aparece com efeito tão impregnada de lembranças de leitura, que não consegue revelar-se em sua autenticidade e crueza. A literatura converteu-se nele em segunda natureza, de tal modo que podemos perguntar a cada instante se não é dela exclusivamente que estão embebidos todos os seus pensamentos, palavras e obras. Em outros termos se a luz que os alumia não é, no fundo, apenas uma luz reflexa.

Seria ocioso pretender ilustrar com exemplos numerosos este fato. Um, entretanto, parece excessivamente frisante para se impor logo à atenção. Não é por acaso que já à primeira página do diário deparamos com o nome de Rainer Maria Rilke. A sombra dos rochedos de Duino irá envolver em realidade todo o livro. Se o autor evoca simplesmente "o poeta", sem lhe dizer o nome, pode-se, quase sem hesitação, discernir a presença dessa sombra tutelar. Assim, a primeira parte do romance encerra-se com a primeira frase da primeira *Elegia*. E são, levemente alteradas, as palavras inscritas na pedra sepulcral de Roregne, que o herói irá reproduzir em seu diário já à véspera de morrer: "Rosa! O' pura contradição, doçura intensa de não ser o sono de ninguém sob tantas e tantas palpebras! mur-

## Letras e Artes

(Conclusões da 2.ª e 3.ª páginas)

murou-me ao ouvido a voz pausada e triste do poeta" (pag. 316).

DE claro sabor rilkeano é o próprio símbolo das três rosas, que domina o livro todo, até à última linha. Rilkeana ainda, a preocupação, no moribundo, de "arrumar a própria morte". Ou aquela observação à página 70, que parece representar a verdadeira chave "existencialista" do romance: "Disse (...) Heidegger que o homem, em qualquer situação, está sempre maduro para a morte. Eu, porém, o contesto: a morte é sempre acidental, e colhe sempre a vida ao meio". Não haveria aqui um éco, apenas empalidecido, da idéia, que percorre as *Elegias*, tanto quanto os *Sonetos a Orfeu*, de que vida e a morte se englobam num conjunto pleno e de que não é possível cortar ao meio esse conjunto sem tirar todo o sentido a qualquer das partes. Idéia que, mesmo nas palavras em que a vasou o poeta, suporta bem um *travesti* cristão e católico, embora Rilke tenha repellido de modo expresso, e apaixonadamente, qualquer interpretação nesse sentido.

A incapacidade, no protagonista, de livrar-se, até ao último instante, de reminiscências puramente literárias, que não só alimentam, mas parecem ditar uma experiência que se desejaria intensamente pessoal, pode tornar suspeitos muitos desses transe íntimos. Fica-nos, terminada a leitura, a sensação perturbadora de que acabamos de assistir a uma lenta agonia, feita, não de temor e tremor, mas de papel impresso. E' claro que se isso prejudica no sr. Corção, o trabalho do romancista não prejudica seriamente o do ensaísta e do estilista, que estes oferecem — mesmo, e sobretudo em *Lições de Abismo* — um constante prazer para a inteligência.

Remessa de livros:

Rua Haddock Lobo, 1625, São Paulo.